

Funai perde controle sobre chegada de índios

Teresa Mello
Da equipe do Correio

A Fundação Nacional do Índio (Funai) está parecendo uma *casa da mãe joana*: índios vêm de todo canto do País para tratar de problemas de terra e saúde, que podem ser até gripe, e ainda por cima chegam sem avisar.

A Diretoria de Assistência atende em média 80 índios por dia, e *mamãe* Funai não costuma bater a porta na cara de ninguém. Por isso, banca diária de R\$ 16 por cabeça para hospedá-los em 10 pensões espalhadas pela 703 Sul, o que contabiliza um gasto médio mensal de R\$ 38,4 mil.

"A Funai está sendo explorada pelos próprios índios, acostumados a serem tratados com paternalismo. É uma relação cheia de vícios. O controle escapa da Funai", desabafa o diretor de Assistência, Ariovaldo José dos Santos.

Limite — Segundo ele, o ideal seria receber 20 índios por dia, e só em último caso, ou seja, quando o problema não puder ser resolvido nas administrações regionais.

Não é o que acontece, e há dois anos a situação era até pior. Índios eram tratados com discriminação. Os com cacife ficavam nas três pensões existentes, enquanto a *ralé* era despejada na Casa do Índio, um tipo de estrebria com 34 estrados para 95 pessoas, que ficava na 912 Norte.

Com o fechamento da Casa, há pouco mais de um ano, as pensões triplicaram. São 10, com um total de 180 vagas, cujo limite de hospedagem de cinco dias pode se estender por meses ou anos a fio.

Há casos de índios fazendo o Primeiro Grau em Brasília, enquanto uma família inteira aguarda a pensão do pai falecido (e funcionário da Funai), há oito meses instalados na W3 Sul.

Teto — Como se não bastasse, do orçamento proposto de R\$ 203,8 milhões, o Ministério da Justiça fixou um teto de R\$ 59,8 milhões a ser votado ainda em março pelo Congresso Nacional. Por enquanto, a verba mensal é de 1/12 deste valor.

"Queremos organizar a vinda dos índios a Brasília, regularizar as pensões e escolher o local da futura Casa do Índio", planeja Ari dos Santos.

"Fica mais barato reformar um local para a Casa do que mantê-los nas pensões, mas não podemos fazer nada antes de o Orçamento ser aprovado".

O diretor conta que os índios costumam vir por conta própria a Brasília. Poucos procuram o posto da Funai antes de viajar. "Eles vêm de ônibus, de carona, do jeito que der", diz Ari.

Adauto Cruz 22.02.96



Guaraci Guajajara veio de Redenção, no Pará, para tratar uma gripe: trouxe parentes, se hospedou por conta da Funai e reclama que é maltratada

Programa de branco cansa

Estudar para servir melhor seu povo. Esse é o lema de Aiuruá Meinao, de 28 anos, os últimos seis morando na pensão da dona Zuzu, na 710 Norte.

Ele veio do Xingu e está cansado de fazer programa de branco. "Acho melhor morar na aldeia", confessa. Quando não está estudando, o índio aproveita para dar uma volta. "Vou ao Parkshopping e ao Conjunto Nacional", conta Aiuruá, a bordo de um par de tênis importado.

Na 7ª série do Primeiro Grau, na Escola Normal, os planos de Aiuruá já estão definidos. Assim que terminar o Segundo Grau, ele volta para o mato.

Gerente — "Vim estudar, porque lá no Xingu precisa de gente formada. Quero ajudar meu povo. Quem sabe, ser gerente de posto da Funai", imagina, bem intencionado.

Dona Zuzu (Jesuína Cordeiro, 66

anos) adora o hóspede. Diz que recebe "200 e poucos reais" de mensalidade e que é muito melhor do que trabalhar com branco.

"Eu queria ter uma casa grande para botar muito índio lá dentro", sonha ela. Por enquanto, das 12 vagas, duas são ocupadas pelos alunos do Xingu.

Enfermagem — Além de Aiuruá, um outro índio, de uns 24 anos, faz o Segundo Grau no Colégio Elefante Branco. "Nos fins de semana, ele ainda estuda enfermagem em Valparaíso", elogia Dona Zuzu.

A casa de Arcanja Cordeiro, na 707 Sul, hospeda mais três estudantes, e na Funai a situação não é vista com bons olhos.

A intenção é incentivar os estudos, mas perto das aldeias. "Em Brasília, nós só vamos admitir índios que vierem fazer universidade", diz o diretor de assistência, Ariovaldo dos Santos.

CARONA

Parentes fazem companhia

Na última sexta-feira, 88 índios estavam hospedados na Asa Sul de Brasília. Onofre Xavante, de 31 anos, largou família e o roçado em Barra do Garça (MT) para acompanhar o primo Nazário Xavante, de 15 anos, durante o tratamento no Hospital Sarah Kubitschek.

"Ele teve meningite e começou a andar com o pé direito torto", explicou Onofre. "Vamos ficar aqui três meses". Na quinta-feira à tarde, os dois assistiam a desenhos animados na televisão, instalados numa das pensões de Edna Martins.

Gripe — Já a doença da índia Guaraci Guajajara, de 47 anos, atende pelo nome de gripe. É a quinta vez que ela sai de Redenção, no Pará, para vir a Brasília e

se acha maltratada.

"A enfermeira da Funai queria me mandar embora. Ela desconfiou de mim, mas um doutorzinho que tem lá falou que eu estou com muita gripe", disse Guaraci, mostrando a caixa de antibióticos receitados.

A índia trouxe um dos seis filhos, a prima e a filha da prima. Todos estão numa das pensões de Jorge Farias, numa área de serviço sem janelas que foi transformada em quarto.

Na W3 Sul, quadra 503, a família de Api Trumae aguarda um documento desde 23 de junho.

"Meu pai morreu faz um ano e nós estamos aqui para receber a pensão dele. Ele era funcionário da Funai", conta ela, que trouxe o marido e quatro filhos.

Orçamento vai mudar regras

Assim que o Orçamento de 1996 for aprovado, a Funai pretende regularizar as pensões para índios por meio de licitação.

Por enquanto, a Fundação mantém convênio com os donos de pensão, como Vera Moretti, uma das mais antigas e fã do cacique Raoni.

"Ele só fica aqui", conta orgulhosa. Para os 50 hóspedes que encham suas duas casas na 703 Sul, Vera dá sabonete, noções de higiene e até calcinhas.

"A mulher e a irmã do Raoni nunca tinham visto uma calcinha. Viram a minha no varal e quiseram uma. Tive até de mostrar como vestir", conta ela.

Macarrão — Na hora da refeição, o cardápio dos índios não varia. Eles adoram frango e macarrão. Enchem o prato, mas não podem repetir.

"Eles comem 700 gramas e ainda acham pouco. Acho que eles são doentes de tanto comer", diz Vera.

Vera afirma receber índio "de todas as marcas". Já as três pensões de Jorge Farias, são mais procuradas pelos xavante e kamaiurá, segundo o gerente Wendder Júnior Cury.

"Prefiro trabalhar com índios, porque eles são mais obedientes. Você pode chamar a atenção deles. Se você fizer isso com um branco, é briga na certa", compara Júnior, que não reclama por precisar ensinar como usar o banheiro.

"Uma vez o índio estava fazendo as necessidades agachado ao lado da privada", lembra espantado.

Limpeza — Novata no negócio, Edna Jany Martins mantém as pensões mais limpas da redondeza. Tanto a casa da 703 Sul quanto a da 704 são muito bem cuidadas, não fosse por um ou outro vidro quebrado. "Minha casa toda vida foi muito limpa", diz orgulhosa.

No fim do ano passado, os donos de pensão enviaram cartas à Funai pedindo aumento da diária de pernoite, de R\$ 7 para R\$ 12, o que inclui o café da manhã. "Aqui pela redondeza, só para dormir eles estão cobrando R\$ 20", conta Edna.

O preço da refeição, R\$ 4,50, é considerado razoável. Isso significa que a diária de R\$ 16 pode passar para R\$ 21.

"Só quando o orçamento for aprovado", repete o incansável diretor de Assistência da Funai, Ariovaldo dos Santos.